



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
SOCIAIS E DA NATUREZA – PPGEN

DENISE DA SILVA DE OLIVEIRA

O PAPEL DA MEMÓRIA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
CULTURAL: DIÁLOGOS ENTRE POSSIBILIDADES DE LEITURA

PRODUTO EDUCACIONAL

Londrina

2015

DENISE DA SILVA DE OLIVEIRA

**O PAPEL DA MEMÓRIA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
CULTURAL: DIÁLOGOS ENTRE POSSIBILIDADES DE LEITURA**

Produto Educacional apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Área de Concentração: Ciências Humanas

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marilu Martens Oliveira

Londrina

2015

TERMO DELICENCIAMENTO

Este Produto Educacional está licenciado sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, Califórnia 94105,USA.



SUMÁRIO

1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA:	
RECORDAÇÕES DE INFÂNCIA	03
1.1 JUSTIFICATIVA	04
1.2 1ª ETAPA – MOTIVAÇÃO (2 AULAS)	05
1.3 2ª ETAPA – INTRODUÇÃO (4 AULAS)	07
1.4 3ª ETAPA – DESENVOLVIMENTO (24 AULAS)	11
1.5 4ª ETAPA – AVALIAÇÃO	23
2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE AS FACES DO FEMININO NAS POÉTICAS	
ARTÍSTICAS: MEMÓRIAS DAS NOSSAS MULHERES	23
1.2 1ª ETAPA – MOTIVAÇÃO (2 AULAS)	24
1.3 2ª ETAPA – INTRODUÇÃO (1 AULA)	25
1.4 3ª ETAPA – DESENVOLVIMENTO (24 AULAS)	25
1.5 4ª ETAPA – AVALIAÇÃO	29
REFERÊNCIAS	30
ANEXOS	31

1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA APLICADA NO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA: RECORDAÇÕES DE INFÂNCIA

- **Tema:** Recordações de infância: o papel da memória na narrativa *Vermelho Amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós;
- **Ano escolar proposto para desenvolvimento da sequência:** 8º e 9º anos (turmas multisseriadas);
- **Número previsto de aulas para a aplicação:** 30 aulas;
- **Textos escolhidos para a sequência:** romance *Vermelho Amargo*, de Bartolomeu Campos de Queirós (São Paulo: Cosac Naify, 2011);
- **Outros materiais escolhidos para a sequência:** filme *O doador de memórias* (*The Giver*, EUA, 2014 – baseado no livro homônimo de Lois Lowry, 1993); crônica “Maldição”, de Fabrício Carpinejar; trechos do filme *Escritores da Liberdade* (*Freedom Writers*, EUA, 2007 – baseado no livro homônimo de Erin Gruwell, 1999);
- **Objetivos:**
 1. Ampliar a competência comunicativa, lendo e escrevendo textos socialmente relevantes sobre o trabalho com os gêneros confessionais;
 2. Ler, ouvir, compreender e comentar textos com base nos gêneros de caráter confessional;
 3. Identificar as características formais e discursivas do romance *Vermelho Amargo*,
 4. Planejar, produzir, reescrever, revisar e publicar memórias de infância;
 5. Realizar análise linguística dos textos produzidos.

1.1 JUSTIFICATIVA

Esta Sequência Didática circunda a ideia de possibilitar ao aluno o contato com diferentes textos do gênero textual de caráter confessional e, em especial, as memórias de infância, auxiliando um processo de reflexão a partir dos materiais apresentados. Tem-se como enfoque central o diálogo com a literatura, corroborando os estudos da autora Regina Zilberman (1989, p. 110), que ressalta o papel da leitura literária, que pode ser transformacional e possibilitar que o leitor vislumbre sua realidade de maneira mais ampla e abrangente.

Quando age sobre o leitor, convida-o a participar de um horizonte que, pela simples razão de provir de um outro, difere do seu. É solidária e diferente ao mesmo tempo, sintetizando nesse aspecto o significado das relações sociais. Quando se soma a isto o fato de que uma obra de época diversa reatualiza a experiência do passado, de outra maneira inacessível, compreende-se em que medida a literatura também possibilita um relacionamento histórico e temporal praticável apenas dessa maneira. Eis por que Jauss sublinha seguidamente a natureza emancipatória da arte literária: ela, de algum modo, arranca o indivíduo de sua solidão e amplia suas perspectivas [...]

Sendo assim, cabe afirmar que o ambiente escolar pode instigar possibilidades de transformar o ensino de língua e literatura em um exercício que oportuniza aos alunos trilhar os múltiplos caminhos das manifestações culturais que sua vivência incita. Tendo como premissa a ideia de que a educação perpassa a dimensão dos processos metodológicos, configura-se a proposta de que os educadores têm para auxiliar os alunos a ultrapassarem seus próprios limites, visualizando possibilidades incomensuráveis a partir de uma realidade limitada.

As Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica salientam que, atualmente, o ensino de Língua Portuguesa e Literatura configura-se como uma prática que visa a abordar temáticas reconhecíveis aos alunos. Tem-se buscado transversalizar o conhecimento em sala de aula, encaminhando a educação para um nível em que possa agir como um elo entre a realidade dos alunos e os conteúdos previstos nos currículos. “A partir de 1980, os estudos linguísticos mobilizaram os professores para a discussão e o repensar sobre o ensino da língua materna e para a reflexão sobre o trabalho realizado nas salas de aula” (DCE, 2007, p. 9).

A maneira pela qual o aluno se posiciona diante da multiplicidade que o constitui e constitui o meio em que vive não é imparcial, tampouco existe por mero acaso. É a partir das próprias vivências que o aluno constrói variadas formas de percepção da pluralidade de sua identidade, facilitando, por sua vez, a própria compreensão da realidade que o cerca. Dessa maneira, as já citadas Diretrizes auxiliam para que o processo de ensino e aprendizagem seja dinâmico, pois consideram a educação tanto social quanto historicamente.

Em linhas gerais, a Sequência Didática tem como enfoque central possibilitar ao aluno uma reflexão sobre a constituição de sua própria identidade, a partir dos diálogos sobre a memória, levando em conta aspectos da realidade humana, entre eles o social, o familiar, o cultural, o físico, o político, enfim, os aspectos que contribuem para configurar a singularidade dele.

A literatura pode ser, então, um meio de reconhecer no ficcional o que não se compreende, pois o gosto pela leitura talvez não os torne mais felizes ou bonitos, mas abre portas para vivências que eles sequer supunham existir.

1.2 1ª ETAPA – MOTIVAÇÃO (2 AULAS)

- Apresentar o tema das atividades, discorrendo sobre a importância das memórias, ressaltando que o passado – tanto o pessoal quanto o coletivo – é uma fonte muito importante para a compreensão de nós mesmos no mundo.
- Explicar que acessar as memórias é abrir um baú com as nossas confissões mais íntimas e, assim como nós, muitos autores literários também se valem das memórias (pessoais ou inventadas) para compor sua produção literária. Contar a própria história ou fazer dela o mote para a construção de uma obra ficcional é um exercício bastante trabalhoso, pois lembrar o passado é também uma forma de reinventá-lo.
- Discutir com os alunos a ideia de que as obras marcadas pelo memorialismo representam a importância da preservação de algo que testemunhe um fato e, até mesmo, uma vida toda.

- Mostrar também aos alunos que vários gêneros textuais podem ter um caráter confessional e memorialista; por exemplo, a autobiografia, que tem como característica fundamental a narração pessoal da própria história. Também o gênero epistolar, acentuadamente pessoal e privado, expõe normalmente detalhes e lembranças das vidas dos remetentes. Há, ainda, crônicas que relatam a visão pessoal dos autores sobre determinado acontecimento, e um dos mais emblemáticos é o diário, um caderno de confissões memorialísticas.
- Falar também sobre as redes sociais, onde, diariamente, milhões de pessoas expõem suas vidas e procuram eternizar suas memórias virtualmente.
- Ressaltar que, em qualquer texto de caráter confessional, normalmente há uma sequência narrativa entrecortada, ou seja, a história vai sendo contada conforme o narrador a rememora, e as memórias nem sempre são confiáveis ou lineares, pois há sempre um caráter subjetivo nesses gêneros.
- Na sequência, pontuar que é necessário que os alunos explorem suas próprias recordações de infância, pois o exercício a ser feito demandará total atenção.
- Propor um exercício imaginativo sobre o papel das memórias de infância no processo de construção da identidade dos alunos, objetivando explorar suas vivências. Orientar a turma na procura uma posição confortável, fechar os olhos, buscando afastar os pensamentos que estiverem surgindo, na intenção de relaxá-los. Todas as perguntas que serão feitas devem ser respondidas mentalmente pelos alunos, ou seja, nada do que lhes será perguntado deve ser respondido oralmente.
- Solicitar que tentem se lembrar de uma memória marcante de sua infância e, na sequência, questioná-los sobre a primeira memória que lhes vier à mente.
- Perceber as reações dos alunos quando eles abrirem os olhos; deixar a turma se recompor por alguns minutos e solicitar que se levantem de

seus lugares e escrevam na lousa uma palavra que possa definir suas memórias.

- Dependendo do envolvimento da turma na atividade, abrir espaço para que expliquem o porquê da escolha das palavras, deixando que relatem suas memórias. Mediar a atividade, fazendo comentários quando necessário, porém, dar liberdade para que possam compartilhar suas experiências.

1.3 2ª ETAPA – INTRODUÇÃO (4 AULAS)

- Para iniciar os diálogos sobre o papel das memórias de infância na formação da identidade dos alunos, proceder à leitura coletiva da crônica de Fabrício Carpinejar, “Maldição”:

Minha memória mudou.

Aos 20 anos, lembrava do nome e do rosto.

Aos 30 anos, lembrava do rosto.

Aos 40 anos, lembro que conheço, e só. Preciso de tempo, ajuda do Google e de pistas para desvendar o interlocutor.

Todo encontro é uma charada. Relaxo, encaro fundo o enigma, examino qual a entrada mais promissora do labirinto e tento achar uma saída educada antes de optar pela sinceridade mais grosseira: “Não me lembro, não sei quem você é!”.

Na última semana, tive o mais complicado desafio de evocação. Meu sudoku particular.

Caminhando pelo shopping Iguatemi, em Porto Alegre (RS), uma senhora de olhos azuis graúdos me parou pelo ombro:

— Ei, não lembra de mim?

Puxei o ioiô do passado, mas não vinha nenhuma linha. Nenhum fio de imagem. Nenhuma legenda para este rosto redondo e simpático.

— Desculpa, estou sobrecarregado de trabalho e não me lembro.

Ela lamentou:

— Que pena, aguardava ansiosamente o nosso reencontro.

Já raciocinava, aflito: “Será que namorei esta mulher? Transei com ela? Prometi meu coração? É caso de alguma bebedeira?”

Eu me via vestido de cafajeste, de cafetão do inconsciente.

Quando ela esclareceu:

— A gente foi colega no maternal, no Patinho Feio!

— Maternal?, quis esclarecer.

— Sim, dividíamos a mesma almofada na hora do sono.

Não acreditava que ela preservava os fatos, intactos, quando tínhamos cinco anos.

Naquela hora, eu me contentei pelos meus apagões, pelas falhas generosas de meu passado, pelos lapsos do perdão. Pressenti o quanto ela sofre pela nitidez do que viveu. Deve recordar de qualquer briga, com data e

horário; de qualquer desaforo, com a ordem exata das palavras; de qualquer desentendimento, com o mal-estar minucioso; de qualquer vingança, reproduzindo perfeitamente o tempo do choro.

Aquilo não era memória, mas maldição (CARPINEJAR, 2014, p. 1).

- Discutir o ponto de vista do narrador sobre sua memória, pontuando que há uma incerteza intencional sobre a distinção entre autor e narrador, ou seja, o leitor pode questionar se o texto é ficcional ou uma história vivida pelo autor Fabrício Carpinejar;
- Questionar os alunos sobre as memórias de infância lembradas, instigá-los a imaginarem-se personagens de uma história. Discorrer sobre o poder das histórias, a magia de ler uma narração que, muitas vezes, parece ganhar vida frente aos nossos olhos;
- Na sequência, propor a eles que componham um texto sobre suas memórias recordadas, colocando no papel seus sentimentos sobre aquilo que lembraram. A proposta de composição deste texto deverá ter como base a possibilidade de sua reelaboração, pois a atividade será retomada nas últimas aulas da proposta;
- Antes de iniciar a composição do texto, trabalhar *figuras de linguagem* e *de estilo*, tencionando auxiliar o processo de escrita dos alunos. Também conceituar e exemplificar *verossimilhança*, fundamental para as produções de caráter confessional, conforme os exemplos seguintes:

Análise de anúncio publicitário:



Quanto ao uso da conotação no texto, ela é representada por:

- A) Imagens metafóricas, evidenciadas pela representação dos atores sociais por lâmpadas;
- B) Imagens hiperbólicas, representadas pela quantidade de lâmpadas;
- C) Imagens eufemísticas, já que, ao serem apagadas, as lâmpadas sintetizam o que ocorre com aqueles que não leem;
- D) Transposição metonímica, já que as pessoas são simbolizadas através das lâmpadas.

Use seus conhecimentos sobre figuras de linguagem e estilo e interprete os quadrinhos:



Fonte: Adaptado de Colégio Marista, [s.d.].

A VEROSSIMILHANÇA

“Vero” significa verdadeiro; “simil”, semelhante. Ou seja, o que é verossímil é semelhante ao que é verdadeiro. No caso da obra literária,

verossimilhança quer dizer semelhante à vida, à realidade. Logo, verossimilhança é a impressão da verdade que a ficção consegue provocar no leitor, graças à lógica interna da história. A verossimilhança é, pois, a essência do texto de ficção.

Os acontecimentos de uma história não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente aos acontecimentos que se passam no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis, semelhantes a eles.

A lógica interna da história ou coerência narrativa determina que os fatos da história devam suceder temporalmente, isto é, uma causa (fato) desencadeia uma consequência (novos fatos). Essa sucessão não pode estar em contradição, sob a pena de tornar a narração inverossímil. Se uma determinada personagem é, no início da narrativa, caracterizada como uma pessoa que não suporta animais, não é possível dizer, em seguida, que ela criava em casa cachorros e passarinhos, sem apresentar uma justificativa convincente.

Levando em conta o que foi exposto, pode-se dizer que a ficção científica e a narrativa fantástica são inverossímeis, isto é, não são semelhantes ao que é verdadeiro. Porém, ser inverossímil não as desqualifica do universo literário. Os acontecimentos da narrativa podem ser absurdos, ilógicos, sem contato com a realidade, mas, se houver, no universo da história, uma coerência interna, um ambiente que justifique a ausência de lógica, a obra tem coerência interna, vai ser verossímil internamente. E é por isso que o leitor acaba aceitando-a como verdadeira. Embora seja inverossímil em confronto com a realidade.

(Texto adaptado de SÉRGIO, 2009).

Atividade:

Faça uma pesquisa na internet e busque pelo conto “Venha ver o pôr-do-sol”, de Lígia Fagundes Telles. Proceda à leitura desse conto e analise a questão da verossimilhança presente no texto. Quais são os elementos que o aproximam/distanciam da verdade?;

- Para compor esse texto, os alunos precisarão seguir algumas instruções, bastante simples, mas que possibilitarão a escrita de composições profundas e repletas da essência de cada um dos autores. As instruções podem ser as seguintes:
 - ✓ Relate sua memória da maneira mais fiel possível, procurando não fugir daquilo que conseguiu se lembrar.
 - ✓ Procure falar de uma cor ou um cheiro daquele momento. Havia algo que lhe chamou mais a atenção?
 - ✓ Escreva como se estivesse contando essa história para alguém, de forma intimista e pessoal.

- ✓ Use os recursos de linguagem que achar mais convenientes. Lembre-se que esse texto é seu, ele já existe em sua mente, cabe a você colocá-lo no papel.
 - ✓ O seu texto será entregue ao professor, que irá fazer a leitura e comentar pontos importantes. Você lerá seu texto novamente apenas ao final da atividade que estamos iniciando. Será que sua memória continuará a mesma?
- A composição dos textos deverá ser iniciada em sala de aula, assim o professor poderá auxiliar no processo de escrita. Caso não haja tempo hábil, deverá ser finalizada como tarefa de casa.

1.4 3ª ETAPA – DESENVOLVIMENTO (24 AULAS)

- Para iniciar esta etapa, os estudantes assistirão ao filme *O doador de memórias*, buscando relacionar seus conhecimentos às ideias nele apresentadas;
- Fazer uma breve contextualização do enredo da narrativa fílmica, chamando a atenção dos alunos para alguns aspectos específicos, tais como:
 - ✓ Quais eventos desencadearam a mudança nas cores do filme (que, no início, estava apenas em tons de cinza).
 - ✓ Havia democracia na comunidade? O sistema de divisão de tarefas era justo?
 - ✓ As razões para a memória ser vista como algo perigoso.
 - ✓ Qual a importância da memória histórica e cultural para a identidade das pessoas da comunidade?
- Após assistirem ao filme, eles devem ser instigados a comentar sobre as questões propostas e, nesse momento, relatar suas impressões sobre a narrativa, pontuando as observações feitas e suas possíveis interpretações.

- Procurar auxiliar os alunos a perceberem que a memória foi capaz de “trazer de volta à vida” toda a comunidade, que antes estava habituada apenas a uma rotina “em preto e branco”.
- Questionar a turma sobre as razões para que a memória fosse tão importante. Relacionar as ideias dos alunos à questão das memórias de infância, fazendo pontes entre os conhecimentos já apresentados e os saberes deles.
- Na sequência, apresentar aos alunos o autor Bartolomeu Campos de Queirós, explicando que a leitura dos livros desse autor permite adentrar no universo da criança, onde são recriadas suas experiências no brincar, que é também uma forma de se colocar no mundo de forma integralizadora.
- Pontuar que, nas obras desse autor, há um mergulho dos personagens em suas memórias de infância mais íntimas, e o menino personagem que, em vários textos assume a narração em primeira pessoa, pode ser entendido como uma visão do autor de si mesmo e de suas reminiscências.
- Apresentar, então, o romance *Vermelho Amargo*, último livro publicado pelo autor antes de sua morte. Explicar à turma sobre as memórias de um menino, impregnadas com uma linguagem poética, que permeia toda a narração, misturando saudosismo e ausência.
- Entregar uma cópia das primeiras páginas do romance, juntamente com um roteiro de leitura, contendo alguns apontamentos sobre a obra. Realizar a leitura compartilhada com a turma, explicando pontos importantes que deverão ser observados:
 - ✓ Narrativa que assinala aspectos autobiográficos.
 - ✓ Projeto gráfico do livro.
 - ✓ Elaboração linguística: prosa poética.
 - ✓ Narrador-protagonista.
 - ✓ Temas: memória, infância e crescimento, vida interiorana, relações familiares.
 - ✓ Passagem do tempo como elemento formador da experiência humana.

- ✓ Enredo: a morte da mãe, em uma manhã fria de maio, aponta para um pai solitário que traz para casa a madrasta, figura esta que irá se contrapor à da mãe ao longo da narrativa.
- ✓ Texto fragmentado.
- ✓ A imagem da madrasta fatiando o tomate é o mote da obra, e o modo de cortá-lo possibilita a contraposição da mãe ausente e da madrasta que se faz ausente mesmo estando presente.
- ✓ Sensorialidade: aromas, sabores, cores, sensações táteis.

Mesmo em maio — com manhãs secas e frias — sou tentado a mentir-me. E minto-me com demasiada convicção e sabedoria, sem duvidar das mentiras que invento para mim. Desconheço o ruído que interrompeu meu sono naquela noite. Amparado pela janela, debruçado no meio do escuro, contemplei a rua e sofri imprecisa saudade do mundo, confirmada pela crueldade do tempo. A vida me pareceu inteiramente concluída. Inventei-me mais inverdades para vencer o dia amanhecendo sob névoa. Preencher um dia é demasiadamente penoso, se não me ocupo das mentiras.

Dói. Dói muito. Dói pelo corpo inteiro. Principia nas unhas, passa pelos cabelos, contagia os ossos, penaliza a memória e se estende pela altura da pele. Nada fica sem dor. Também os olhos, que só armazenam as imagens do que já fora, doem. A dor vem de afastadas distâncias, sepultados tempos, inconvenientes lugares, inseguros futuros. Não se chora pelo amanhã. Só se salga a carne morta.

No princípio, se um de nós caía, a dor doía ligeiro. Um beijo seu curava a cabeça batida na terra, o dedo espremido na dobradiça da porta, o pé tropeçado no degrau da escada, o braço torcido no galho da árvore. Seu beijo de mãe era um santo remédio. Ao machucar, pedia-se: mãe, beija aqui!

Há que experimentar o prazer para, só depois, bem suportar a dor. Vim ao mundo molhado pelo desenlace. A dor do parto é também de quem nasce. Todo parto decreta um pesaroso abandono. Nascer é afastar-se — em lágrimas — do paraíso, é condenar-se à liberdade. Houve, e só depois, o tempo da alegria ao enxergar o mundo como o mais absoluto e sucessivo milagre: fogo, terra, água, ar e o impiedoso tempo.

Sem a mãe, a casa veio a ser um lugar provisório. Uma estação com indecifrável plataforma, onde espreitávamos um cargueiro para ignorado destino. Não se desata com delicadeza o nó que nos amarra à mãe. Impossível adivinhar, ao certo, a direção do nosso bilhete de partida. Sem poder recuar, os trilhos corriam exatos diante de nossos corações imprecisos. Os cômodos sombrios da casa — antes bem-aventurança primavera — abrigavam passageiros sem linha do horizonte. Se fora o lugar da mãe, hoje ventilava obstinado exílio.

Oito. A madrasta retalhava um tomate em fatias, assim finas, capaz de envenenar a todos. Era possível entrever o arroz branco do outro lado do tomate, tamanha a sua transparência. Com a saudade evaporando pelos olhos, eu insistia em justificar a economia que administrava seus gestos. Afiando a faca no cimento frio da pia, ela cortava o tomate vermelho, sanguíneo, maduro, como se degolasse cada um de nós. Seis.

O pai, amparado pela prateleira da cozinha, com o suor desinfetando o ar, tamanho o cheiro do álcool, reparava na fome dos filhos. Enxergava o manejo da faca desafiando o tomate e, por certo, nos pensava devorados pelo vento ou tempestade, segundo decretava a nova mulher. Todos os dias — cotidianamente — havia tomate para o almoço. Eles germinavam em

todas as estações. Jabuticaba, manga, laranja, floresciam cada uma em seu tempo. Tomate, não. Ele frutificava, continuamente, sem demandar adubo além do ciúme. Eu desconhecia se era mais importante o tomate ou o ritual de cortá-lo. As fatias delgadas escreviam um ódio e só aqueles que se sentem intrusos ao amor podem tragar.

Sem o colo da mãe eu me fartava em falta de amor. O medo de permanecer desamado fazia de mim o mais inquieto dos enredos. Para abrandar minha impaciência, sujeitava-me aos caprichos de muitos. Exercia a arte de me supor capaz de adivinhar os desejos de todos que me cercavam. Engolia o tomate imaginando ser ambrosia ou claras em neve, batidas com açúcar e nadando num mar de leite, como praticava minha mãe — ilha flutuante — com as mãos do amor.

Eu desconhecia o amor, mesmo fantasiando em me sentir amado. Repetia o verbo amar a Deus sobre todas as coisas, amar o próximo como a si mesmo, não matar, não pecar contra a castidade, honrar pai e mãe, por frequentar a catequese, nas tardes ociosas dos sábados. Decorar os dez mandamentos encurtava o caminho para o céu, tantos me repetiam. E contrito, mãos amarradas sobre o peito, eu duvidava da fé, mas insistia em crer em Deus Pai, todo-poderoso. Atravessar do infinito ao infinito e alcançar o pleno azul, sobre a bicicleta do padre, negociada em pecado e segredo, tornava o céu mais viável.

A mãe partiu cedo — manhã seca e fria de maio — sem levar o amor que diziam eu ter por ela. Daí, veio me sobrar amor e sem ter a quem amar. Nas manhãs de maio o ar é frio e seco, assim como retruca o coração nos abandonos. Ela viajou indignada, por não ser consultada. Evadiu-se, sem suplicar um socorro. Nem murmurou um “com licença” — eu confirmo — para adentrar em outra vida, como nos era recomendado. Já não cantava, sobrevivia isenta, respirando o medo pelo desconhecido. A mão da morte soterrou até sua sombra. Foi um adeus inteiro, definitivo, rigoroso, sem escutar nosso pesar. Eu pronunciava, seguidamente, a palavra amor, amor, sem ter a presença amada.

A esposa do meu pai prezava o tomate sem degustar o seu sabor. Impossível conter em fatia frágil — além da cor, semente, pele — também o aroma. Quando invertida, a palavra aroma é amora. Aroma é uma amora se espiando no espelho. Vejo a palavra enquanto ela se nega a me ver. A mesma palavra que me desvela, me esconde. Toda palavra é espelho onde o refletido me interroga. O tomate — rubro espelho — espelhava uma sentença suspeita.

O pai, que suportava o peso das caixas de manteiga, agora andava leve, manso, tropeçando em penumbras e suspiros. O amor encarnou em todo o seu destemido corpo e afrouxou até seus pesares. Amava em dobro: o amor que sobra aos viúvos e mais o amor reinventado, e capaz de camuflar o luto. E, para ganhar mais amor, negociava com o tomate o destino dos filhos, clandestinamente.

A parede da casa sustentava um espelho cercado por moldura vermelha. Na ponta dos pés — equilibrista — eu buscava meu rosto e deparava com outro e me estranhava. O espelho é a verdade que, ainda hoje, mais me entorpece. Espelho sustenta o concreto e prefiro a mentira dos sonhos nas manhãs frias e secas. Do tomate exalava um gosto de cera, flor, reza e terra. Sempre engoli minha fatia por inteiro. Descia garganta abaixo arranhando as cordas, desafinando as palavras, esfolando o percurso. Libertava-me dela na primeira colherada. ‘Garfo é arma, e menino não anda armado’, sentenciava o pai. Talvez nos projetasse assassinos. Quanto mais amor mais a morte se anuncia (QUEIRÓS, 2011, p. 7-13).

Sobre o autor

Nascido em 1944, Bartolomeu Campos de Queirós viveu a infância em Papagaios (MG). Com formação em educação e artes, teve formação

humanista. Estudioso da filosofia e da estética, utilizou a arte como parte integrante do processo educativo, desenvolvendo trabalhos como arte-educador.

Publicou 43 obras (algumas delas traduzidas para o inglês, espanhol e dinamarquês), incluindo antologias, novelas, poemas e didáticos, os quais têm sido objeto de estudo de teses e monografias.

Sobre o autor, Henriqueta Lisboa escreveu: “Não é ele tão somente um educador que sabe distinguir, através de estudos filosóficos, pesquisas estéticas e experiência pessoal no seu campo de atividade, o valor da arte no processo educativo. Ele é também um poeta – aquele que mergulha nas águas profundas da preexistência e da inocência, o que aporta à ilha onde todas as cousas se tornam maravilhosamente possíveis; o que acabou descobrindo o segredo da simplicidade”.

(QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Vermelho amargo*. São Paulo: CosacNaify, 2011, p. 67-69).

- Na sequência, dividir a turma em equipes, entregar para cada uma fotocópias de um trecho do romance, orientando os alunos a proceder à leitura da parte da obra que lhes foi entregue. Explicar que a leitura será feita de forma não linear. A cada semana os grupos irão trocar os capítulos lidos com os colegas, aprofundando, assim, o caráter fragmentário da narrativa. A sugestão é dividir a turma em cinco equipes e, por conseguinte, dividir a obra também em cinco partes, fazendo a seguinte divisão:

Equipe	Trecho da obra
Equipe 01	p. 14-23
Equipe 02	p. 24-33
Equipe 03	p. 34-43
Equipe 04	p. 44-53
Equipe 05	p. 54-65

- Nessa fase, combinar com os alunos o tempo hábil para a leitura dos capítulos da obra e a troca, que pode ser feita semanalmente. É importante firmar um compromisso com a turma para trazer lidos os capítulos, para que as trocas possam ser feitas.
- Além das leituras, que deverão ser realizadas como tarefa de casa, é possível promover momentos de leitura em sala de aula, ou, ainda, em locais alternativos da escola. Durante esses momentos, fazer

verificações sobre o andamento das leituras, auxiliando os alunos na compreensão de trechos lidos.

- Concomitantemente ao período de leitura, devem ser trabalhados diversos temas e conteúdos, visando a auxiliar o processo de apreensão do livro. É possível realizar atividades sobre conceitos como *metalinguagem, elementos da narrativa, poesia e oralidade, intertextualidade*, entre outros, dependendo dos conteúdos básicos do currículo e das necessidades que forem surgindo.
- Ao ser encerrado o prazo para a leitura, cada uma das equipes ficará responsável pela apresentação de uma forma de contextualização da obra (*Contextualização Histórica, Contextualização Estilística, Contextualização Poética, Contextualização Crítica e Contextualização Presentificadora*).
- Explicar-lhes o que será necessário pesquisar em cada uma das modalidades de contextualização, e encaminhá-los para a sala de informática, a fim de que realizem as pesquisas. É importante acompanhar esse processo e ressaltar a necessidade de verificação da confiabilidade das informações.
- Juntamente ao processo de pesquisa, solicitar que se cadastrem na rede social *Edmodo*. Para tanto, é necessário que o professor faça um cadastro prévio como educador. Dessa maneira, poderá fornecer uma senha para que os jovens possam ter acesso a um grupo que deve ser criado no ambiente virtual (ver figuras 1 e 2 com modelos de grupo do *Edmodo*).
- Nesse grupo, poderão compartilhar ideias sobre a narrativa, fragmentos da obra e possibilidades de leitura.
- Lançar enquetes para debate na rede social, instigando os alunos a discutir pontos específicos da obra. Também disponibilizar materiais de apoio para a pesquisa das contextualizações, que podem ser anexados (interpretação e atividades extra) no próprio grupo do *Edmodo*.

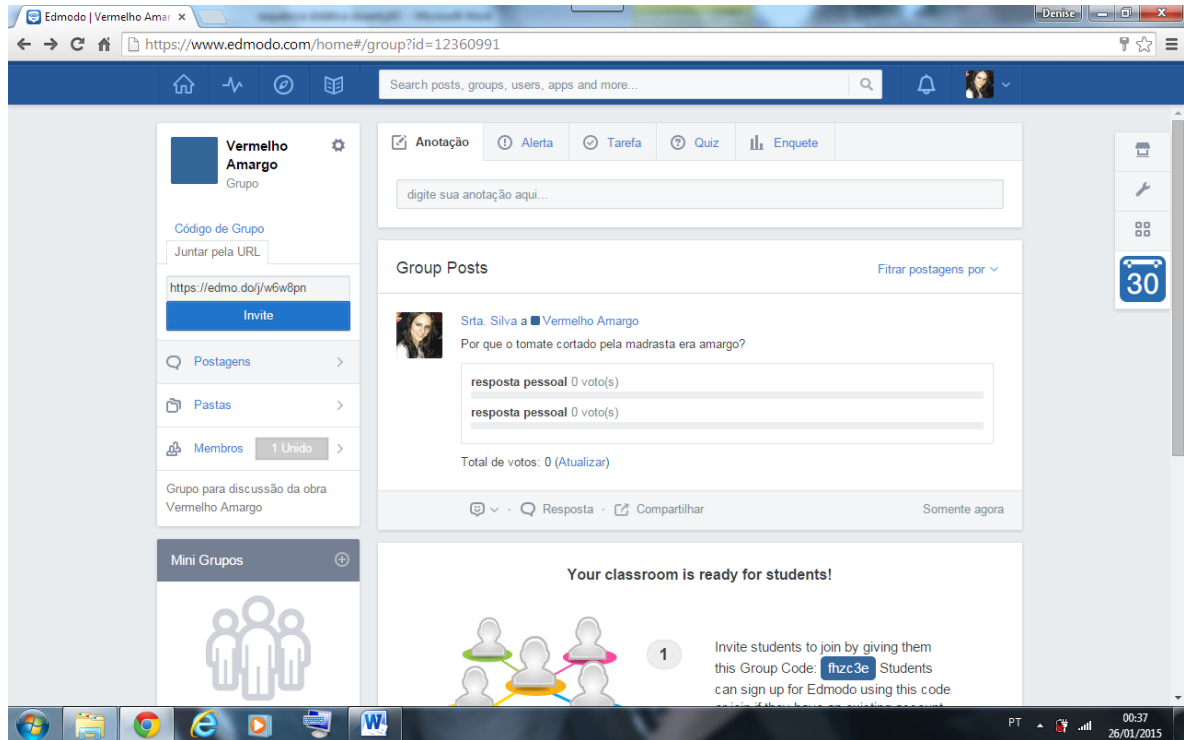
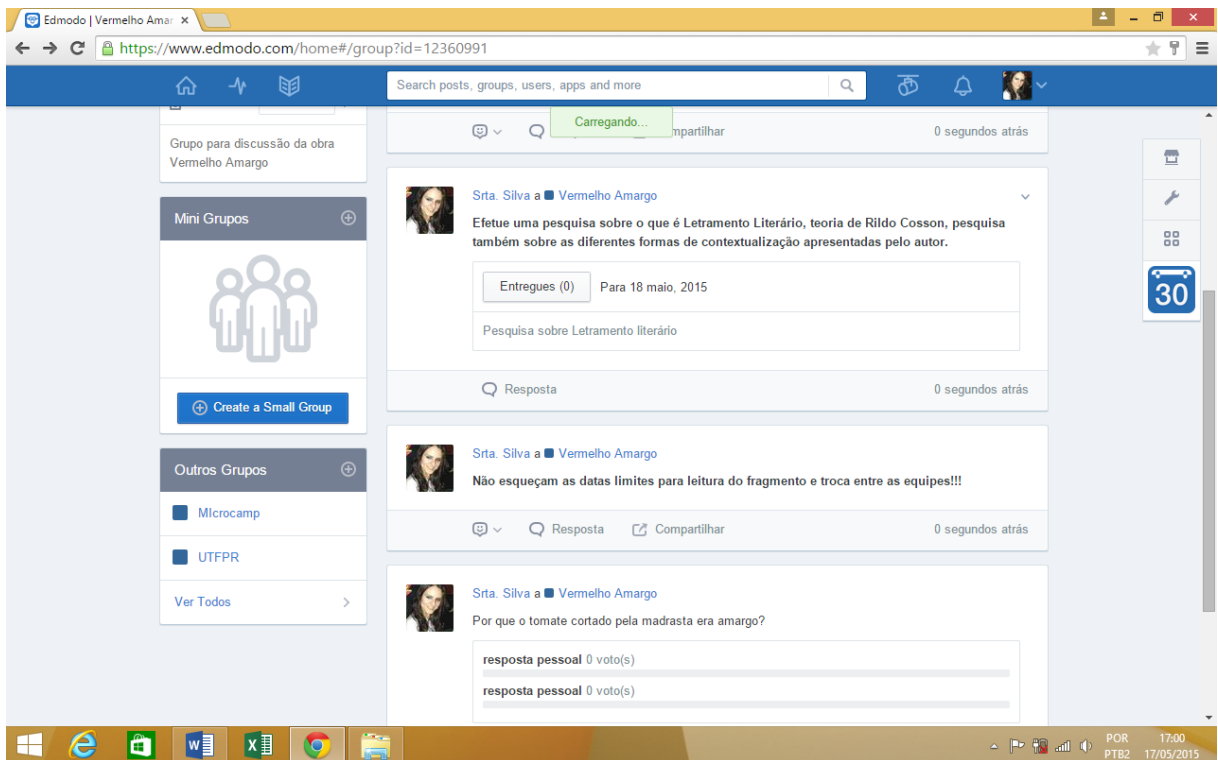


Figura 1 – Modelos de grupo criado na rede social EDMODO

Fonte: Edmodo. Disponível em: <<http://http://edmodo.com>>. Acesso em: 19 set. 2014.

- Outras possibilidades do Edmodo:



Edmodo | Vermelho Amargo

https://www.edmodo.com/home#/group?id=12360991

Search posts, groups, users, apps and more

Carregando...

Anotação Alerta Tarefa Quiz Enquete

pergunta...

Group Posts Filtrar postagens por

Srt. Silva a Vermelho Amargo

"É preciso muito bem esquecer para experimentar a alegria novamente de lembrar-se. Tantos pedaços de nós dormem num canto da memória, que a maioria chega a esquecer-se deles. E a palavra - basta uma só palavra - é flecha para sangrar o abstrato morto. Há, contudo, dores que a palavra não esgota ao dizê-las".

Resposta Compartilhar 0 segundos atrás

Srt. Silva a Vermelho Amargo

Efetue uma pesquisa sobre o que é Letramento Literário, teoria de Rildo Cosson, pesquisa também sobre as diferentes formas de contextualização apresentadas pelo autor.

Entregues (0) Para 18 maio, 2015

Pesquisa sobre Letramento literário

Resposta 0 segundos atrás

Windows | Office | Chrome | Taskbar: POR 17:00, PTB2 17/05/2015

Edmodo | Vermelho Amargo

https://www.edmodo.com/home#/group?id=12360991

Search posts, groups, users, apps and more

Carregando...

Cancelar ou Enviar

Membros 1 Unido

Grupo para discussão da obra Vermelho Amargo

Mini Grupos

Create a Small Group

Outros Grupos

- Microcamp
- UTFPR
- Ver Todos

Group Posts Filtrar postagens por

Srt. Silva a Vermelho Amargo

Você acha que o narrador de Vermelho amargo tem alguma relação real com o autor da obra?

Talvez, pois as histórias se parecem em alguns aspectos. 0 voto(s)

Não, pois não podemos relacionar o personagem ficcional ao escritor. 0 voto(s)

Sim, a obra se parece com a biografia do autor. 0 voto(s)

Total de votos: 0 (Atualizar)

Resposta Compartilhar 0 segundos atrás

Srt. Silva a Vermelho Amargo

"É preciso muito bem esquecer para experimentar a alegria novamente de lembrar-se. Tantos pedaços de nós dormem num canto da memória, que a maioria chega a esquecer-se deles. E a palavra - basta uma só palavra - é flecha para sangrar o abstrato morto. Há, contudo, dores que a palavra não esgota ao dizê-las".

Resposta Compartilhar 0 segundos atrás

Windows | Office | Chrome | Taskbar: POR 17:04, PTB2 17/05/2015

Fonte: Edmodo. Disponível em: <<http://http://edmodo.com>>. Acesso em: 19 set. 2014.

- Disponibilizar um tempo para que os alunos organizem suas apresentações, salientando que devem expor as contextualizações de maneira criativa.
- Primeira interpretação: antes do início das apresentações, verificar a efetividade da rede social no processo de interpretação do romance, solicitar aos alunos que falem sobre a experiência, recolhendo suas impressões e comentários sobre as pesquisas e todo o processo de leitura e interpretação.
- Mediar as discussões, abrindo espaço para que todos os alunos de todos os grupos falem sobre o que entenderam da obra, enfatizando possíveis dificuldades e demonstrando-as com a leitura de trechos do livro.
- Contextualização: a contextualização deverá ser feita pelos grupos, de acordo com a ordem de apresentação estipulada anteriormente. Determinar o tempo de apresentação de cada equipe, levando em conta a necessidade de todos exporem as pesquisas, bem como suas leituras individuais da obra.
 - ✓ Contextualização Histórica: os alunos devem apresentar questões relacionadas à época em que a obra foi escrita, ressaltando características e acontecimentos históricos do período atual, visto que a obra foi publicada em 2011. Precisam, também, discorrer acerca da época a que a obra se refere, fazendo pontes de contato entre o momento de sua concepção e o momento sobre o qual a obra discorre.
 - ✓ Contextualização Estilística: os alunos devem apresentar o estilo de época em que a obra se inscreve, ressaltando-se a ausência de uma escola literária na qual o autor pudesse estar inserido. É importante trabalhar com essa equipe no momento da pesquisa, algumas questões relacionadas à literatura contemporânea, pois, dessa maneira, eles poderão exemplificar suas ideias com trechos da obra, a fim de ilustrar para os demais colegas a explicação que estarão fazendo.

- ✓ Contextualização Poética: a equipe que fará a contextualização poética deverá ressaltar a forma como a obra foi escrita, destacando aspectos que mais lhes chamaram a atenção. Orientar os alunos para que falem muito sobre poesia e a possibilidade de perceber os sentimentos do menino por meio de suas palavras doloridas, repletas de tristeza e saudade.
 - ✓ Contextualização Crítica: consiste na apresentação de críticas sobre a obra. Para que apresentassem este tópico, foi necessário auxiliar o grupo no momento da pesquisa, buscando textos que trouxessem a visão de críticos sobre as impressões da obra. Porém, de maneira geral, os alunos devem fazer a própria crítica, ressaltar dificuldades na leitura e a relação com o contexto social da atualidade.
 - ✓ Contextualização Presentificadora: a equipe deverá relacionar a obra lida com algo de suas vivências, ou seja, eles precisarão apontar algo de seu cotidiano que se relacione à obra lida.
-
- Segunda interpretação: será necessário pontuar questões que podem não ter ficado claras durante a apresentação feita por eles. Nesse momento, será necessário retomar o papel da memória para a constituição da obra, levando para os alunos novos conhecimentos sobre o autor e narrador do romance.
 - Utilizar como ponto de partida os conhecimentos expostos pelos estudantes para apresentar a fala, possibilitando que percebam a importância da leitura do livro para a compreensão da atividade.
 - Expansão: deverá possibilitar que os discentes percebam as relações entre a obra lida e o contexto atual que vivenciam, expandindo os limites do texto.
 - Levar os jovens para que assistam a trechos do filme *Escritores da Liberdade*, tomando o cuidado de perceber que tanto os personagens do filme quanto o narrador do romance de Bartolomeu Campos de Queirós usam suas memórias para melhor compreender a si mesmos e ao mundo que os cerca.

- Contextualizar o enredo do filme, reforçando o caráter memorialístico, uma vez que é baseado no livro *O diário dos escritores da liberdade*, contendo relatos verídicos sobre as vivências de alunos americanos.
- Após assistir aos trechos da narrativa fílmica, eles deverão ser incentivados a fazer associações e estabelecer pontos comuns entre os filmes e a narrativa de Queirós e, nesse momento, será lançada uma questão: *“E vocês, quem são? Prisioneiros de suas memórias? Sujeitos que sentem saudades de um tempo que não volta mais? Solitários? Ou se parecem um pouco com os escritores da liberdade, buscando em suas memórias força para enfrentar os desafios do mundo?”*.
- A partir desses questionamentos, serão instigados a iniciar uma discussão sobre a formação de suas identidades, levando em conta todas as memórias que carregam consigo.
- Devolver a produção textual que compuseram depois da atividade imaginativa. Solicitar que façam uma leitura individual e silenciosa. Verificar a possibilidade de haver interesse, por parte dos alunos, em compartilhar suas composições com os demais colegas.
- Como resultado dessa atividade, iniciar o processo de confecção de pequenos livros, a partir de uma técnica de encadernação artesanal. Cada um irá confeccionar seu próprio livro, e o primeiro texto a ser escrito deverá ser o das memórias de infância.



Figura 2 – Modelo de livro criado pelos alunos

Fonte: A própria autora.

- Ensinar todo o processo de encadernação aos discentes, reforçando a necessidade de efetuarem a atividade em equipe, pois, somente se trabalharem conjuntamente conseguirão entender o processo e produzir materiais bonitos e com a “cara” de cada um;
- Após o término da confecção dos exemplares, é possível propor uma exposição na escola ou, ainda, uma oficina, para que eles próprios ensinem os colegas de outras turmas a encadernar e produzir livros;
- Orientar a turma a escrever sobre suas vidas, suas experiências, não como apenas uma espécie de diário, mas um registro de suas memórias, uma prova de que existiram;
- No encerramento da atividade, realizar uma retomada de todo o processo, solicitando que discorram sobre pontos positivos e negativos de todas as propostas.

1.5 4ª ETAPA – AVALIAÇÃO

As formas de avaliação escolhidas pelo professor devem ser contínuas e priorizar a real efetividade do processo comunicativo professor-aluno-sociedade. Sendo assim, todo o processo será avaliado, desde a leitura das obras, a apresentação das impressões, a contextualização, a pesquisa sobre as obras e arte e a exposição.

É importante avaliar as produções e a refação dos textos, verificando se o educando conseguiu aplicar os conteúdos aprendidos em suas produções. Na etapa da pesquisa e apresentação das contextualizações, é fundamental analisar o envolvimento da turma, verificando se o trabalho está sendo desenvolvido em equipe.

No momento de confecção dos livros de memórias, a principal preocupação do docente deve ser verificar a concretização da proposta, ainda que os livros não adquiram a estrutura proposta inicialmente.

2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE AS FACES DO FEMININO NAS POÉTICAS ARTÍSTICAS: MEMÓRIAS DAS NOSSAS MULHERES

- **Tema:** Faces do feminino nas poéticas artísticas: memórias das nossas mulheres;
- **Ano escolar proposto para desenvolvimento da sequência:** 3º ano do Ensino Médio;
- **Número previsto de aulas para a aplicação:** 27 aulas;
- **Textos escolhidos para a sequência:** fragmentos dos romances *Lucíola* (José de Alencar), *Dom Casmurro* (Machado de Assis) e *Inocência* (Visconde de Taunay);
- **Outros materiais escolhidos para a sequência:** Música “Mulheres gostam” (composição de Alexandre Leão e Manuca Almeida, interpretada por Marina Elali), “Poema de Mulher” (grupo Grelo Falante), Poema “Visão do Artista” (Alcides Buss);

- **Objetivos:**

1. Estabelecer relações entre as diferentes formas de representação de mulher nas artes e as possíveis intertextualidades entre distintas configurações de expressão artística;
2. Apresentar possibilidades de leitura e relações entre poesia, pintura e literatura;
3. Discutir e analisar as diferentes maneiras de representar o feminino na história das artes;
4. Auxiliar os alunos a perceber a importância do papel da memória;
5. Abordar o discurso como prática social.

2.1 1ª ETAPA – MOTIVAÇÃO (2 AULAS)

- Apresentar a música “Mulheres gostam”, composição de Alexandre Leão e Manuca Almeida, interpretada por Marina Elali, possibilitando o início das considerações sobre o eixo temático da aula;
- Após breve comentário sobre as facetas e predileções da mulher, instigar os alunos a falar sobre o que o símbolo deste gênero representa para a sociedade. Ainda utilizando a temática da música apresentada, encaminhar os diálogos para diferentes descrições das sutilezas femininas. Na sequência, entregar a eles um fragmento da composição “Poema de Mulher”, que faz parte do livro Tapa de Humor não dói e tem autoria do grupo Grelo Falante. Este poema poderá se configurar para os alunos como uma forma despretensiosa de conhecer o feminino por meio da leitura, ponderando, assim, questões reconhecíveis e, ao mesmo tempo, resgatadas do imaginário popular de maneira diferenciada;
- Lançar um questionamento: do que as mulheres gostam? As respostas que forem surgindo devem ser expostas no quadro negro e, a partir destas constatações, o professor questionará novamente os alunos, agora com uma pergunta diferente: como são as memórias que eles têm de mulheres que marcaram suas vidas?

2.2 2ª ETAPA – INTRODUÇÃO (1 AULA)

- Para iniciar os diálogos sobre as nuances do ser feminino, após os comentários, entregar fotocópias do poema “Visão do Artista”, de Alcides Buss. Efetuar a leitura participativa do poema, enfatizando as figuras literárias e históricas que surgirem na composição. Incentivar a turma a comentar sobre as mulheres famosas que são mencionadas no poema, atentando, ainda, para a epígrafe do poeta Pablo Neruda, escritor conhecido pela admiração e profundo amor pelas mulheres;
- Solicitar que os alunos listem quais são as figuras artísticas femininas descritas na composição, pontuando quais conhecem ou não.

2.3 3ª ETAPA – DESENVOLVIMENTO (24 AULAS)

- Depois de realizada a leitura do poema, apresentar obras dos autores mencionados na composição, cada uma das reproduções deverá trazer a representação da mulher descrita na obra, o que auxiliará o aluno a descobrir quem são as mulheres e os artistas descritos na 5ª estrofe do poema;
- Conjuntamente à apresentação das reproduções, ressaltar aspectos históricos e estilísticos de cada pintor, delineando, ainda, qual a vanguarda em que cada artista é configurado, bem como a repercussão de suas obras no momento histórico em que foram compostas;
- Na sequência, dividir o grupo em três equipes, e o professor mediará um sorteio para que cada equipe faça a leitura de uma das obras mencionadas no poema: *Lucíola*, de José de Alencar; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; e *Inocência*, de Visconde de Taunay;
- Apresentar, também, fragmentos dos três romances que são mencionados na composição, caracterizando e enfatizando a forma pela qual estas personagens são descritas e emblematizadas por seus

autores. Esta atividade primeira tencionará auxiliar os alunos na compreender a proposta de leitura dos textos literários;

- Estipular, com a turma, um tempo hábil para a leitura dos romances, assim como a ordem de apresentação das obras pelos grupos. É importante que o professor faça verificações sobre o andamento da leitura dos textos, auxiliando os alunos nos trechos que julgarem de difícil compreensão. Para tanto, traçar um roteiro de análise da obra, levando em conta diferentes formas de contextualização;
- O professor poderá fazer uma breve contextualização das obras, porém, ficará a cargo dos alunos efetuar a pesquisa e apresentar tanto suas leituras como as análises;
- Depois de encerrado o prazo para a leitura das obras, os alunos podem ser levados à sala de informática, para que façam a pesquisa das contextualizações solicitadas pelo professor, que deve mediar as pesquisas, pontuando a importância de que os sites acessados sejam de fontes confiáveis;
- Após o término da investigação, os alunos apresentarão para os colegas e de maneira criativa, suas leituras das obras e os resultados obtidos.
- A primeira interpretação da obra consistirá na própria apresentação, feita por parte dos alunos, das impressões que tiveram da obra como um todo. O professor deverá mediar as discussões, abrindo espaço para que todos do grupo falem sobre o que entenderam das obras, enfatizando possíveis dificuldades e demonstrando-as com a leitura de trechos dos livros.
- Primeira interpretação: A primeira interpretação da obra consistirá na própria apresentação, feita por parte dos alunos, das impressões que tiveram da obra como um todo. O professor deverá mediar as discussões, abrindo espaço para que todos do grupo falem sobre o que entenderam das obras, enfatizando possíveis dificuldades e demonstrando-as com a leitura de trechos dos livros.
- Contextualização: Tanto a primeira interpretação como a contextualização deverão ser feitas pelos grupos, de acordo com a

ordem de apresentação, respeitando as orientações dadas pelo docente, no desenvolvimento da pesquisa.

- ✓ Contextualização Histórica: Na Contextualização Histórica, os alunos deverão apresentar questões relacionadas à época na qual a obra foi escrita, ressaltando características e acontecimentos históricos do período. Eles também deverão discorrer sobre a época a que a obra se refere, estabelecendo pontes entre o momento de sua concepção e aquele focalizado pela obra.
 - ✓ Contextualização Estilística: Na Contextualização Estilística, os alunos apresentarão o estilo de época da obra, ressaltando a escola literária na qual o autor se enquadra. É importante solicitar aos alunos que exemplifiquem suas ideias com trechos da obra, a fim de ilustrar para os demais colegas a explicação que estarão fazendo.
 - ✓ Contextualização Poética: Quando fizerem a Contextualização Poética, os alunos deverão discorrer sobre como a obra foi escrita, ressaltando aspectos que mais lhes chamaram a atenção.
 - ✓ Contextualização Crítica: A Contextualização Crítica consistirá na apresentação de críticas a respeito da obra. Para que falem desse tópico, é necessário que o professor auxilie os grupos no momento da pesquisa, na busca de textos que tragam a visão de críticos sobre as obras.
 - ✓ Contextualização Presentificadora: Na Contextualização Presentificadora, os discentes deverão relacionar a obra lida com algo de suas vivências, apontando coisas de seu cotidiano, confrontando-as com o que foi lido.
- Segunda Interpretação: Na segunda interpretação, o professor pontuará questões que podem não ter ficado claras durante as apresentações e retomará a ideia da visão da mulher em cada uma das três obras, trazendo novos conhecimentos sobre as personagens femininas e suas representações. É imprescindível que o professor utilize os conhecimentos expostos pelos alunos para apresentar sua

fala, assim, eles perceberão a importância da leitura dos livros para a compreensão daquilo que o professor estará expondo.

- Expansão: A expansão possibilitará que os alunos percebam as relações entre as obras lidas e o contexto atual que vivenciam, além do papel memória para lembrar as mulheres de sua vida, expandindo os limites do texto. Eles deverão listar quais são as principais características das personagens femininas presentes em cada uma das obras estudadas. Após esta atividade, o professor retomará as reproduções dos pintores apresentados no poema de Alcides Buss. Nesse momento, será lançada uma questão para os alunos: as mulheres pintadas pelos artistas se assemelham, de alguma maneira, às personagens dos romances lidos e a alguma mulher que já conheceram?
- A partir desse questionamento, os educandos iniciarão uma atividade de pesquisa, que poderá ser feita de forma interdisciplinar, com o professor de Artes, sobre as diferentes formas que os artistas plásticos retratam as mulheres, tendo como enfoque possíveis ligações com as personagens estudadas.
- Esta atividade gerará uma exposição com o resultado da pesquisa dos alunos, que relacionarão diferentes pinturas às personagens literárias e às mulheres de suas memórias, contrapondo a visão dos autores ou mesmo mostrando semelhanças entre as obras de arte, as personagens da literatura e as mulheres do cotidiano. O tema dessa exposição será as representações das mulheres da literatura, vistas sob a ótica de grandes pintores.
- Durante a pesquisa, para formatar essa exposição, será importante que o professor enfatize que as sutilezas femininas, mesmo as mais ínfimas, são o que tornam este ser tão especial e belo, pois cada mulher é um ser ímpar.

2.4 4ª ETAPA – AVALIAÇÃO

As formas de avaliação escolhidas pelo professor devem ser contínuas e, também, priorizar a real efetividade do processo comunicativo professor-aluno-sociedade. Sendo assim, o processo todo será avaliado, desde a leitura das obras, a apresentação das impressões e a contextualização, à pesquisa sobre as obras de arte e a exposição.

REFERÊNCIAS

ASSIS, J. M. M. de. *Dom Casmurro*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1996.

CARPINEJAR, Fabrício. *Maldição*. Disponível em: <<http://migre.me/q1xm9>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. *Literatura: a formação do leitor*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BUSS, A. *Visão do artista*. Disponível em: <<http://migre.me/q1BHZ>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

COLÉGIO MARISTA. Atividades sobre figuras de linguagem. Português – 8º ano. [s.d.]. Disponível em: <<http://migre.me/q1mZC>>. Acesso em: 30 ago. 2014.

DCE. *Diretrizes curriculares nacionais de Língua Portuguesa para a Educação Básica: em revisão*. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 2007.

MIGRE. ME. Encurtador de Link/URL. Disponível em: <<http://migre.me/criar-url/>>. Vários acessos.

O GRELO FALANTE. *Poema de mulher*. Disponível em: <<http://migre.me/q1BJb>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

QUEIROS, B. C. de. *Vermelho amargo*. São Paulo: CosacNaify, 2011.

SÉRGIO, Ricardo. A verossimilhança. Estudos Literários. 20 maio 2009. Disponível em: <<http://migre.me/q1npf>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

TAUNAY, V. de. *Inocência*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ZILBERMAN, R. *Estética da Recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. ALENCAR, J. de. *Lucíola*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1987.

A N E X O S

Anexo A – Música “Mulheres gostam”. Gravação de Marina Elali. Composição: Alexandre Leão e Manuca Almeida

Mulheres gostam de flores
Mulheres gostam de shampoo
Mulheres gostam de espelho
Mulheres gostam de corpo nu...

Mulheres gostam de homens
Mulheres gostam de gastar
Mulheres gastam o tempo
Não gostam de ver
O tempo passar...

Algumas gostam de mulheres
Algumas choram demais
Mulheres amam os filhos
Mulheres amam os pais...

Mulheres gostam de meias
Mulheres gostam de batom
Mulheres gostam de homens
Que não perguntam se foi bom...

Mulheres perdem a hora
Mulheres pedem pra olhar
Mulheres vão juntas ao banheiro
Mulheres ainda querem casar...

Anexo B – Composição poética “Poema de Mulher”, do livro **Tapa de humor não dói**, do grupo carioca Grelo Falante. Disponível em: <<http://migre.me/q1CiP>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

Que mulher nunca teve
Um sutiã meio furado
Um primo meio tarado
Ou um amigo meio viado?

Que mulher nunca temeu
Uma consulta dentária
Passar atestado de otária
Ou a incontinência urinária?

Que mulher nunca tomou
Um fora de querer sumir
Um porre de cair
Ou um lexotan pra dormir?

Que mulher nunca sonhou
Com o marido da melhor amiga
Com a sogra morta, estendida
Ou com uma lipo na barriga?

Que mulher nunca pensou
Em zunir uma panela
Jogar os filhos pela janela
Ou que a culpa era toda dela?

Que mulher nunca penou
Pra ter a perna depilada
Pra aturar uma empregada
Ou pra trabalhar menstruada?

Que mulher nunca pediu
Um dinheiro que nunca pagou
Um perdão que nunca rolou
Ou licença porque o “chico” chegou?

Que mulher nunca perdeu
A compostura no trabalho
Uma festa por um jogo de baralho
Ou uma amiga por um otário?

Que mulher nunca dormiu
Sem tirar a maquiagem
Ouvindo muita bobagem
Ou no meio de uma massagem?

Que mulher nunca acordou
Com um desconhecido ao lado
Com o cabelo desganhado
Ou com o travesseiro babado?

Que mulher nunca comeu
Uma caixa de Bis, por ansiedade
Uma alface, no almoço, por vaidade
Ou, um canalha por saudade?

Que mulher nunca apertou
O pé no sapato pra caber
A barriga pra emagrecer
Ou um ursinho pra não enlouquecer?

Que mulher nunca jurou
Que não estava ao telefone
Que nem pensa em silicone
Ou que “dele” não lembra nem o nome?

Anexo C – Poema “Visão do artista”, de Alcides Buss. Disponível em:
<<http://migre.me/q1CnM>>. Acesso em: 1 jun. 2014.

*“Corpo de mujer, blancas colinas, muslos blancos,
te pareces al mundo en tu actitud de entrega”*

Mulheres de Neruda,
Oh mulher, ser felino e flor!

Oh dama dos salões,
Senhoras do lar,
Mulheres proletárias;
Operárias do dia, da noite,
Operárias do corpo, da alma;

Oh empregadas domésticas e seus olhos de espera,
Lavadeiras de roupa, donas de pensão;
Oh babás, fiandeiras, tecelãs;
Varredeiras de rua, balconistas, secretárias;
Aeromoças, garçonetes;

Grávidas virgens, mães enfurecidas,
Donzelas no cio, crianças dormindo;
Oh mucamas, Nega Fulô,
Oh lavradoras no tempo e na esperança;

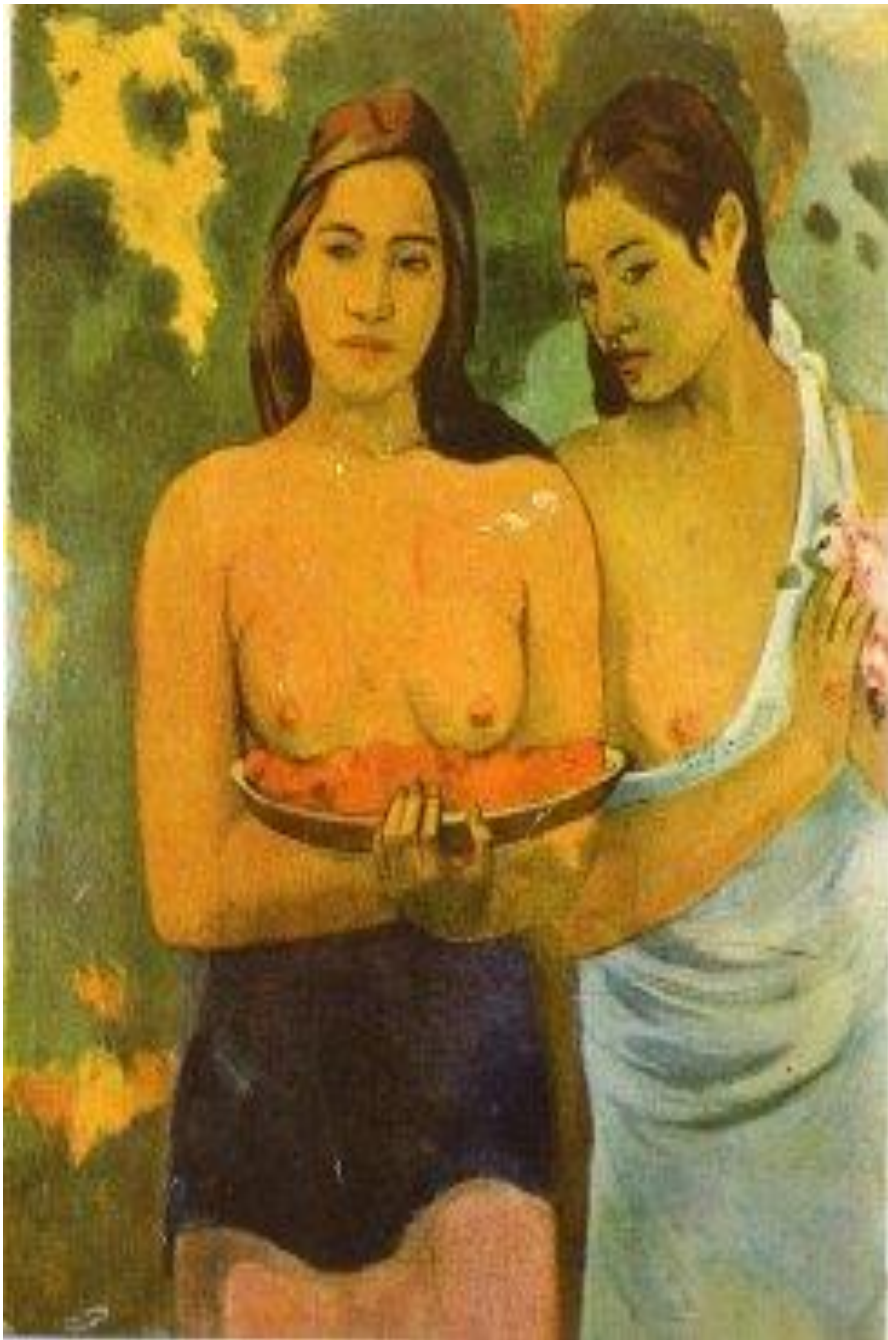
Oh nativas de Gauguin, damas
De Manet, palhaças
De Lautrec; oh carnes generosas,
Banhistas sensuais de Renoir;

Oh Lucíola de Alencar,
Capitu de Machado, Inocência
De Taunay; oh Mulheres enluaradas
Dos poetas, oh férteis seios,
Oh coisa-terra;

Oh sublimidades,
Proletárias do homem!

Oh sorriso etéreo de Gioconda!
Libertai-vos na visão do artista,
Libertai-vos no mundo!

Anexo D – Tela de Paul Gauguin. **Mulheres do Taiti**, 1899. Óleo sobre tela: 94 x 72 cm. Museu de Arte Metropolitano de Nova Iorque.



Anexo E – Tela de Edouard Manet. **Olympia**, 1863. Óleo sobre tela, 130x190cm. Paris, Museu d'Orsay.



Anexo F – Tela de Pierre Auguste Renoir. **As grandes banhistas**, 1887. Museu de Arte da Filadélfia.



Anexo G – Tela de Henri Marie Raymond de Toulouse-Lautrec. **Palhaço no assento**, 1895.



Anexo H – Fragmento de *Lucíola*, de José de Alencar

A lua vinha assomando pelo cimo das montanhas fronteiras; descobri nessa ocasião, a alguns passos de mim, uma linda moça, que parara um instante para contemplar no horizonte as nuvens brancas esgarçadas sobre o céu azul e estrelado. Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os ténues vapores da alvorada. Ressumbrava na sua muda contemplação doce melancolia e não sei que laivos de tão ingênua castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimosa aparição.

— Já vi esta moça! disse comigo. Mas onde?...

Ela pouco demorou-se na sua graciosa imobilidade e continuou lentamente o passeio interrompido. Meu companheiro cumprimentou-a com um gesto familiar; eu, com respeitosa cortesia, que me foi retribuída por uma imperceptível inclinação da frente.

— Quem é esta senhora? perguntei a Sá.

A resposta foi o sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.

— Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la ?...

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido, ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade.

Depois de algumas voltas descobrimos ao longe a ondulação do seu vestido, e fomos encontrá-la, retirada a um canto, distribuindo algumas pequenas moedas de prata à multidão de pobres que a cercava. Voltou-se confusa ouvindo Sá pronunciar o seu nome:

— Lúcia!

— Não há modos de livrar-se uma pessoa desta gente! São de uma impertinência! disse ela mostrando os pobres e esquivando-se aos seus agradecimentos.

Feita a apresentação no tom desdenhoso e altivo com que um moço distinto se dirige a essas sultanas do ouro, e trocadas algumas palavras triviais, meu amigo perguntou-lhe:

— Vieste só?

— Em corpo e alma.

— E não tens companhia para a volta?

Ela fez um gesto negativo.

— Neste caso ofereço-te a minha, ou antes a nossa.

— Em qualquer outra ocasião aceitaria com muito prazer; hoje não posso.

— Já vejo que não foste franca!

— Não acredita?... Se eu viesse por passeio!

— E qual é o outro motivo que te pode trazer à festa da Glória?

— A senhora veio talvez por devoção? disse eu.

— A Lúcia devota!... Bem se vê que a não conheces.

— Um dia no ano não é muito! respondeu ela sorrindo.

— É sempre alguma coisa, repliquei.

Sá insistiu:

— Deixa-te disso; vem conosco.

— O senhor sabe que não é preciso rogar-me quando se trata de me divertir.

Amanhã, qualquer dia, estou pronta. Esta noite, não!

— Decididamente há alguém que te espera.

— Ora! Faço mistério disto?

— Não é teu costume decerto.

— Portanto tenho o direito de ser acreditada. As aparências enganam tantas vezes! Não é verdade? Disse voltando-se para mim com um sorriso.

Não me lembra o que lhe respondi; alguma palavra que nada exprimia, dessas que se pronunciam às vezes para ter o ar de dizer alguma coisa. Quanto a Lúcia, fazendo-nos um ligeiro aceno com o leque, aproveitou uma abertura da multidão e penetrou no interior da igreja, em risco de ser esmagada pelo povo.

Não preciso dizer-lhe, pois adivinha, que acabava de fazer uma triste figura. Não sou tímido; ao contrário peço por desembaraçado. Mas nessa ocasião diversas circunstâncias me tiravam do meu natural. A expressão cândida do rosto e a graciosa modéstia do gesto, ainda mesmo quando os lábios dessa mulher

revelavam a cortesã franca e impudente; o contraste inexplicável da palavra e da fisionomia, junto à vaga reminiscência do meu espírito, me preocupavam sem querer. Atribuo a isto ter eu apenas balbuciado algumas palavras durante a conversa, e haver cortejado respeitosamente a senhora, que apesar de tudo ainda me aparecia nesta mulher, mal a voz lhe expirava nos lábios, porque, então, o desdém que vertia de sua frase volúbil passava, e o semblante em repouso tomava uns ares de meiga distinção.

A festa continuou, e fomos acabá-la em uma alegre reunião, onde se dançou e brincou até duas horas da noite.

Quando apaguei a minha vela ao deitar-me, na dúbia visão que oscila entre o sono e a vigília, foi que desenhou-se no meu espírito em viva cor a reminiscência que despertara em mim o encontro de Lúcia. Lembrei-me então perfeitamente quando e como a vi pela primeira vez.

Fora no dia da minha chegada. Jantara com um companheiro de viagem, e ávidos ambos de conhecer a corte, saímos de braço dado a percorrer a cidade. Íamos, se não me engano, pela Rua das Mangueiras, quando, voltando-nos, vimos um carro elegante que levavam a trote largo dois fogosos cavalos. Uma encantadora menina, sentada ao lado de uma senhora idosa, se recostava preguiçosamente sobre o macio estofado, e deixava pender pela cobertura derreada do carro a mão pequena que brincava com um leque de penas escarlates. Havia nessa atitude cheia de abandono muita graça; mas graça simples, correta e harmoniosa; não desgarrada com ares altivos, decididos, que afetam certas mulheres à moda.

No momento em que passava o carro diante de nós, vendo o perfil suave e delicado que iluminava a aurora de um sorriso raiando apenas no lábio mimoso, e a fronte límpida que à sombra dos cabelos negros brilhava de viço e juventude, não me pude conter de admiração.

Acabava de desembarcar; durante dez dias de viagem tinha-me saturado da poesia do mar, que vive de espuma, de nuvens e de estrelas; povoara a solidão profunda do oceano, naquelas compridas noites veladas ao relento, de sonhos dourados e risonhas esperanças; sentia enfim a sede da vida em flor que desabrocha aos toques de uma imaginação de vinte anos, sob o céu azul da corte.

Recebi pois essa primeira impressão com verdadeiro entusiasmo, e a minha voz habituada às fortes vibrações nas conversas à tolda do vapor, quando zunia pelas enxárcias a fresca viração, minha voz excedeu-se:

— Que linda menina! Exclamei para meu companheiro, que também admirava. Como deve ser pura a alma que mora naquele rosto mimoso!

(ALENCAR, J. de. Lucíola. 10. ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 2-5).

Anexo I – Fragmento de Dom Casmurro, de Machado de Assis

— Juro! Deixe ver os olhos, Capitu.

Tinham-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que...

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca.

É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. Quantos minutos gastamos naquele jogo? Só os relógios do céu terão marcado esse tempo infinito e breve. A eternidade tem as suas pêndulas; nem por não acabar nunca deixa de querer saber a duração das felicidades e dos suplícios. Há de dobrar o gozo aos bem-aventurados do céu conhecer a soma dos tormentos que já terão padecido no inferno os seus inimigos; assim também a quantidade das delícias que terão gozado no céu os seus desafetos aumentará as dores aos condenados do inferno. Este outro suplício escapou ao divino Dante; mas eu não estou aqui para emendar poetas.

Estou para contar que, ao cabo de um tempo não marcado, agarrei-me definitivamente aos cabelos de Capitu, mas então com as mãos, e disse-lhe, – para dizer alguma coisa, – que era capaz de os pentear, se quisesse.

— Você?

— Eu mesmo.

— Vai embarçar-me o cabelo todo, isso sim.

— Se embarçar, você desembaraça depois.

— Vamos ver.

(ASSIS, J. M. M. de. Dom Casmurro. 30. ed. São Paulo: Ática, 1996. p. 277-278).

Anexo J – Fragmento de *Inocência*, de Visconde de Taunay

— Vejo, disse ele com algum acanhamento, que o doutor não e nenhum pé-rapado, mas nunca é bom facilitar... E já que não há outro remédio, vou dizer-lhe todos os meus segredos... Não metem vergonha a ninguém, com o favor de Deus; mas em negócios da minha casa não gosto de bater língua... Minha filha Nocência fez 18 anos pelo Natal, e é rapariga que pela feição parece moça de cidade, muito ariscazinha de modos mas bonita e boa deveras... Coitada, foi criada sem mãe, e aqui nestes fundões. Tenho outro filho, este um latagão, barbudo e grosso que está trabalhando agora em portadas para as bandas do Rio.

— Ora muito que bem, continuou Pereira caindo aos poucos na habitual garrulice, quando vi a menina tomar corpo, tratei logo de casá-la.

— Ah! é casada? perguntou Cirino.

— Isto é, é e não e. A coisa está apalavrada. Por aqui costuma labutar no costela do gado para São Paulo um homem de mão-cheia, que talvez o Sr. conheça... o Manecão Doca...

— Não, respondeu Cirino abanando a cabeça.

— Pois isso é um homem às direitas, desempenado e trabucador como ele só... fura estes sertões todos e vem tangendo pontes de gado que metem pasmo.

Também dizem que tem bichado muito e ajuntado cobre grosso, o que é possível, porque não é gastador nem dado a mulheres. Uma feita que estava aqui de pousada... olhe, mesmo neste lugar onde estava mecê inda agorinha, falei-lhe em casamento... isto é, dei-lhe uns toques .. porque os pais devem tomar isso a si para bem de suas famílias; não acha?

— Boa dúvida, aprovou Cirino, dou-lhe toda a razão; era do seu dever.

— Pois bem, o Manecão ficou ansim meio em dúvida; mas quando lhe mostrei a pequena, foi outra cantiga... Ah! Também é uma menina

E Pereira, esquecido das primeiras prevenções, deu um muxoxo expressivo, apoiando a palma da mão aberta de encontro aos grossos lábios.

— Agora, está ela um tanto desfeita: mas, quando tem saúde é coradinha que nem mangaba do areal. Tem cabelos compridos e finos como seda de paina, um nariz mimoso e uns olhos matadores...

(TAUNAY, V. de. *Inocência*. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 35-36).